

MAKAS

NO

TÁXI

Uma narrativa inspirada em
histórias verdadeiras



Juvenália Da Costa

AVISO
IMPORTANTE

O texto articula considerações linguísticas não aceitas na literatura Portuguesa, apresenta também expressões comuns do povo Angolano. Devido há existência de palavras ofensivas, aconselhamos a leitura para indivíduos com a idade igual ou superior a 14 anos de idade.

VIOLAÇÕES DO DIREITO DE AUTOR Artigo 31º (VIOLAÇÃO DO DIREITO PATRIMONIAL)

Comete o crime de usurpação ilícita aquele que utilize uma obra literária, artística ou científica sem autorização do respectivo autor ou que exceda os limites da autorização concedida.

Quem vender, puser á venda, exportar ou por qualquer modo distribuir ao público obra usurpada ou contrafeita será punido com as penas previstas no artigo 32º.

E-mail: Juvenaldacosta@outlook.com

Contacto comercial: 924 432 671

Instagram: @nhiurcas

Facebook: Juvenalia Da Costa

CONTO

2º Episódio

O CAENCHE

Depois que as senhoras que reclamavam da música alta desceram, um jovem do penúltimo assento continuou a discussão com o cobrador.

– Vocês não tiveram respeito nenhum com as senhoras, será que foram educados por um macaco?

– Família, juntem só o dinheiro. Estou a cobrar! Disse o cobrador tentando ignorar o comentário do jovem.

Quando ouviu comentários ofensivos vindo do último banco decidiu responder:

– Aquelas mamoiões estavam a fazer muito barulho com aquelas conversas de feitiço! Mano, não falta mbora respeito. Eu então não estou com paciência para essas merdas.

– Moço, vou ficar na paragem das mulheres. O meu troco? Uma jovem de aproximadamente dezasseis anos de idade, com uma forma física que podia ser confundida com vinte e três reclamou.

O cobrador afastou-se da janela e esticou-se todo para entregar o troco para a jovem.

– Calma fofa, está aqui o teu troco. Ninguém vai ficar com os teus cinquenta kwanzas!

– Ehé moço. Se tens azar, vai só. A jovem esticou os lábios em uma fava audível e olhou com desprezo para o cobrador.

O cobrador pôs-se a rir, mas ninguém o acompanhou. Estavam todos aborrecidos com o comportamento dele. Em seguida o motorista parou na famosa paragem das mulheres e deixou a jovem.

– Wey, hoje tipo é o nosso dia de azar yah. Só tem passageiros malucos e confusionistas aqui. O cobrador e o motorista puseram-se a rir.

– Esses dois estão a precisar de umas boas galhetas para ficarem concentrados. Falou uma voz grossa vinda da janela à esquerda do último assento. Era um jovem grande fisicamente, braços exageradamente grandes, o rosto preenchido em uma barba preta e a cabeça sem nenhum fio de cabelo a mostra. Tinha expressão dura e aparentava estar desejoso por esmagar o cobrador.

– Assim quem vai dar galhetas? Mano, não confundi esse teu corpo de segurança de discoteca, posso-te deixar bem consciente só com um morote!

– Esse cobrador não tem mesmo medo yah. Com este corpo de pastel vais deixar cair quem?

Os passageiros puseram-se a rir diante daquele episódio, notava-se claramente que o cobrador tinha mais era boca, porque aquele caenche parecia que podia esmagar-lhe com uma das mãos apenas.

– Mas mano, você está a inventar só muito conversa aqui. Paga só o táxi. Você aqui não bate ninguém! Respondeu o cobrador desafiando-o.

– Pára então o carro. Vou te partir os cornos môh ndenguê. O caenche falou com muita propriedade.

– Paga só e cala mazé essa boca!

– Não vou pagar por abuso. Você não tem respeito das pessoas que te dão de comer todos os dias.

– Vais pagar bem. Meu wy, brinca com tudo menos com isso. Aqui ninguém está a viajar de favor. Já bastam àquelas mamóites que

não pagaram, brinca só bem. O cobrador estava furioso naquele momento.

– Não vou te pagar, se quiseres vem buscar o dinheiro aqui. O caenche o desafio.

– Irmão, paga só o nosso dinheiro e evita mbora confusão. O motorista virou-se rapidamente para o banco do fundo.

Como já estavam perto da paragem, o motorista estacionou o carro antes da ponte do Zamba 2, desligou o carro e tirou a chave da ignição e saiu junto a janela onde estava o caenche.

– Meu wy, se você não pagar, ninguém vai sair do meu táxi.

– Xe motorista, abre mazé essa porta.

– Moço, estou atrasado, me deixa sair.

– Eu não tenho nada a ver com o vosso problema.

– Cobrador abre a porta porra!

Os passageiros furiosos empurraram o cobrador para fora do táxi e saíram a reclamar.

O jovem caenche foi o último a descer, quando pousou os pés sobre o passeio, endireitou a calça olímpica que vestia, esticou a t-shirt

para baixo para completar o aprumo, estalou os dedos encarando o cobrador e o motorista, demonstrando a sua virilidade.

O cobrador e o motorista olharam ao mesmo tempo para o jovem de cima a baixo e calaram em simultâneo. O jovem caenche olhou para eles de cima a baixo igualmente e pôs-se a andar sem ouvir mais um pio sequer dos dois.

Quando o caenche estava no fundo da rua o cobrador bateu no ombro do motorista e disse-lhe:

– Wey, vamos só parar um pouco hoje, vamos pausar na barraca da tia Joana.

FIM

Expressões de Angola

LOTOU- A palavra ou expressão usada pertence a um nível de língua informal. O termo de origem é lotação. Preencher o número máximo de pessoas que é permitido no código da estrada.

WUEH- A palavra ou expressão usada pertence a um nível de língua informal. Este calão é usado normalmente para expressar uma afirmação.

KUDURO- A palavra ou expressão usada pertence a um nível de língua informal. Refere-se a um estilo de música ou dança dos angolanos.

MUTUCURIA- A palavra ou expressão usada pertence a um nível de língua informal. Refere-se a algo desprezível. Desagrado.

MAMOITE- A palavra ou expressão usada pertence a um nível de língua informal. Refere-se a palavra Mãe, expressado como calão.

WEY- A palavra ou expressão usada pertence a um nível de língua informal. Refere-se a um amigo, um calão usado para pessoas de maior intimidade.

ERREH- A palavra ou expressão usada pertence a um nível de língua informal. Refere-se a reclamação ou admiração por alguma razão entendida pelo indivíduo que a usa.

MAZÉ- A palavra ou expressão usada pertence a um nível de língua informal. Refere-se a uma justificativa, afirmativa e expressiva do sujeito praticante da ação.

BUNDA- A palavra ou expressão usada pertence a um nível de língua informal. Refere-se a nádegas, palavra informal normalmente usada por angolanos.

HE HE HE - A palavra ou expressão usada pertence a um nível de língua informal. Refere-se a um termo informal que representa admiração.

MAZÉ- A palavra ou expressão usada pertence a um nível de língua informal.

XÉ- A palavra ou expressão usada pertence a um nível de língua informal. Refere-se a admiração ou um alerta.

MBORA- A palavra ou expressão usada pertence a um nível de língua informal. Refere-se a um aviso.

APRUMO- A palavra ou expressão usada pertence a um nível de língua informal. Refere-se a organização da vestimenta, uma palavra que indica o nível de vaidade de um indivíduo.

PAY IF YOU LIKE

A escrita é uma maneira de apreender a realidade interna do ser-no-mundo assim como o seu contexto histórico e social. Para isso, há que se ter uma apreensão estética e um sentimento de empatia com a humanidade. Quando escrevo, mergulho no mais profundo dos meus pensamentos e sentimentos. Vivo cada momento, cada detalhe, como se pudesse realmente entender cada personagem descrita.

Dessa arte, que tanto amo e entrego-me de corpo e alma, não ganho o meu alimento, mas me contento por saber que alguém a consome. Porque a minha arte, é tão importante quanto as outras, julgo ser tão importante quanto a música, a pintura, bandas desenhadas e outras.

Como apoio à toda arte disponibilizada gratuitamente, a **PAY IF YOU LIKE**, traduzida como **“PAGUE SE VOCÊ GOSTAR”** surge como um meio-termo entre artistas e consumidores. Você não precisa de viver insatisfeito por ter comprado um trabalho ou producto de baixa qualidade, igualmente não pode deixar de apoiar e incentivar os artistas do seu país que se dedicam nesta e outras artes, tanto de dentro como de fora.

Não há preço nem exigências, esses modelos podem eliminar o medo de um produto valer um determinado preço definido e o risco relacionado de decepção. Pague apenas o que estiver ao seu alcance porque nenhum dinheiro dado de boa intenção será pouco, e na ausência de apoio financeiro, você estará a ajudar o artista a ir mais longe, partilhando com pessoas que podem pagar pelo consumo, ou então apoiar com entrevistas na rádio, televisão ou outros meios de visibilidade para a voz do artista ecoar pelo país e pelo mundo.

Você só precisa parabenizar os artistas pela qualidade e incentivá-los a serem melhores nos próximos trabalhos. Apoie a arte nacional e pague pelo que gosta.

CHAMO-ME JUVENÁLIA
DA COSTA, SOU
FORMADA EM
ENGENHARIA DE
PETRÓLEO.

DEDICO-ME A
ESCREVER LIVROS POR
SER APAIXONADA PELA
ARTE.

AGRADEÇO A VOCÊ POR
TER LIDO MAIS UMA
HISTÓRIA AQUI.

PAGUE SE GOSTAR
E LIGUE SE PUDER
AJUDAR!



Contacto: 924 432 671

Conta: 104573824 10 001

IBAN: A006.0040.0000.0457.3824.1019.6